

**Editorial: APRESENTAÇÃO****Editorial: PRESENTATION****Editorial: PRESENTACIÓN****Éditorial: PRÉSENTATION**

*Paulo Vinicius Baptista da Silva<sup>1</sup>*  
*Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em*  
*Educação, Paraná, PR, Brasil*

*Neli Gomes da Rocha<sup>2</sup>*  
*Universidade Federal do Paraná, Programa de*  
*Pós-graduação em Educação, Paraná, PR, Brasil*  
*Docente Pontifícia Católica PUC/PR*

Este editorial é o primeiro que publicamos após uma perda que muito lamentamos na nossa Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as, na nossa Revista da ABPN, no campo intelectual do ensino de Química da Universidade de Uberlândia - UFU e no ativismo negro brasileiro. Para nossa edição de setembro de 2023 da Revista ABPN homenageamos à Nicéa Quintino Amauro, Professora Adjunta da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP). Foi editora chefe da Revista ABPN (2017-2018), no mesmo período em que era secretária executiva da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (2017-2018). A seguir assumiu

---

<sup>1</sup> Professor UFPR. Pesquisador CNPQ. Superintendente de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (SIPAD) Universidade Federal do Paraná. <https://orcid.org/0000-0001-9207-2439>

<sup>2</sup> Mestra em Sociologia; Investigadora-visitante no Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane em Maputo/Moçambique/África (2017) e Investigadora-visitante no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra em Portugal/Europa (2017). Docente Conteudista Ead. Pesquisadora Estética Negra e Identidade. Doutoranda Programa de Pós Educação UFPR. Docente Escola de Educação e Humanidades da PUC/PR.. Contato: neligomes30@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-3008-0895>



como presidenta da ABPN, entre os anos de 2018 e 2020. Orientadora no Programa de Pós- Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM/UFU) e no Programa de Pós - Graduação em Química (PPQUI/UFU), integrante da Casa Laudelina de Campos Mello - Organização da Mulher Negra. Coordenadora de inúmeros projetos científicos e de extensão e cultura.

Como editora da Revista da ABPN o período foi de renovações e novas implementações, com a recomposição do Conselho Editorial da revista, a ampliação das indexações e a inserção do DOI nos artigos. Representou um período de consolidação da Revista da ABPN como dos principais veículos de divulgação científica dos estudos negros e estudos afro-brasileiros, ampliando também o escopo da revista e tornando-a ainda mais multidisciplinar (AMAURO, DIAS e SILVA, 2018).

A trajetória de Nicéa é interdisciplinar e interseccional com forte impacto enquanto mulher preta acadêmica e ativista no enfrentamento ao racismo no campo do ensino de Ciências, em especial no ensino de Química e na implementação da lei 10639/03 (SANTANA FILHO; MANUEL; AMAURO; PEREIRA; e WOODS, 2022).

Sua contribuição intelectual tem reconhecida envergadura após sua partida fulminante ao Orun e hoje temos sua memória fincada nas raízes do imbundeiro, tornando-a inesquecível pelo legado que nos deixou.

Dos vários projetos coordenados por agora nossa ancestral a CRESPURA: Beleza Negra sem Química trouxe um ponto extremamente relevante com a abordagem científica sobre o folículo capilar crespo e suas inúmeras possibilidades de texturas e formatos. Este projeto é revelador da perspectiva levada à frente pela pesquisadora em diversos campos, aliando o conhecimento científico, os conhecimentos ancestrais e populares e o ativismo negro. Trazemos aqui uma série de ensinamentos de nossa pesquisadora, com uma estratégia de usar diversas citações diretas de forma a trazer mais uma vez a voz da Nicea Amauro para nossas leitoras e leitores.

Para Nicea Amauro o conhecimento sobre a corporeidade negra era urgente e as formas de cuidado com os cabelos crespos vitais para a valorização e reconhecimento de beleza e poder simbólico.

A exuberância da curvatura do cabelo afro o torna mais frágil: cada “curva” ou “dobra” diminui a espessura dos cabelos crespos. Por esse motivo, tranças e lock preservam os fios e ajudam em seu crescimento; não porque fazem o cabelo crescer mais ou mais rápido, e sim porque elas evitam que o fio se quebre ou embarace. Além disso, o formato dos cabelos também é diferente nestas três



etnias. O do cabelo afro é mais peculiar e se assemelha a um grão de feijão, enquanto o caucasiano é quase cuboide e o asiático, bem cilíndrico. A cor e a morfologia dos cabelos também se diferem entre indivíduos de etnias asiáticas, caucasianas e africanas. (AMAURO & ROCHA, 2021, p. 11)

Sobre os cabelos crespos elas ensinam:

Nós, afrodescendentes, desenvolvemos, ao longo do tempo, a habilidade de proteção de nossa pele. O cabelo foi um “guarda-sol” natural, desenvolvido por nosso corpo e aperfeiçoado pelos povos tradicionais africanos. As ondulações nos fios reduzem o espaço entre o cabelo e o couro cabeludo, dando pouca abertura para a penetração dos raios solares, fato que não ocorre com asiáticos e europeus, pois ficam menos expostos ao sol. (AMAURO & ROCHA, 2021, p. 10)

A formação continuada promovida pelo projeto é um exemplo muito relevante em diversos aspectos. Insere-se no Consórcio de Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (CONNEABS), ao vincular o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Uberlândia (NEAB-UFU) ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná (NEAB-UFPR) estrutura uma estrutura de rede para atuação num processo que envolve pesquisa, ensino e extensão de forma integrada e promove o papel de aquilombamento dos NEABs. Outro ponto é uma formação que tem como alvo em especial as profissionais de beleza de salões afro, que tem uma prática de cuidado e de técnicas centradas na transmissão tradicional e na ancestralidade, tendo a disposição uma série de informações sobre a base científica, social, histórica e estética dos penteados afro.

A perspectiva do “quilombismo” proposta por Abdias Nascimento como forma de organização coletiva negra que atua a partir da práxis afrocentrada nascida nos quilombos, que atua para a proteção mútua pela ideia força que promove as afirmações afro-brasileiras (Conceição EVARISTO, 2010, p. 133). A estruturação dos NEABs em torno de um projeto de emancipação da população negra brasileira atualizou-se no projeto realizado na interface entre o conhecimento científico e as formas tradicionais de cuidado capilares. Numa outra parte do livro de orientação do projeto Crespura as autoras afirmam:

O cabelo crespo apresenta distribuição de células cuticulares ora maior e ora menor ao longo da fibra. Outro aspecto que distingue os cabelos é seu diâmetro, isto é, sua espessura. Os cabelos das etnias asiáticas são os mais grossos, com maior diâmetro. Já os crespos são os mais finos. As agressões externas, desde a escovação até os tratamentos químicos, em casos mais graves, podem chegar a



expor o córtex do cabelo, causando perda de células da cutícula, pontas duplas e quebra do fio. (AMAURO & ROCHA, 2021, p. 31)

A química dos cabelos é colocada a serviço da base para a estética afirmativa trabalhada de forma contínua na formação. O foco no ensino de química é área de grande contribuição de nossa homenageada.

A Química é a ciência da transformação da matéria e seus processos organizam e organizaram culturalmente inúmeras sociedades, relacionar a produção técnica/tecnológica do povo africano e da diáspora e a química pode combater a ignorância sobre as origens de nossa vida material e a participação desses grupos sociais em nossa constituição.

Defendemos que o Ensino de química deve ser uma prática promotora da igualdade dos sujeitos, independentemente do seu pertencimento étnico-racial. A abordagem da Química como uma atividade humana, sócio-histórica e cultural, deve ser utilizada para interpretar a realidade, por meio de uma linguagem, nomeada científica, que tem se modificado ao longo de sua história, nas aulas de Ciências favorece a (des)construção de ideias arraigadas no imaginário da sociedade brasileira, podendo contribuir dessa maneira para a Educação das Relações Étnico-Raciais (Melo, 2014). Assumindo esses pressupostos e visando operacionalizar a lei 10.639/03, o presente trabalho tem como objetivo planejar e desenvolver uma intervenção pedagógica sobre métodos experimentais da extração da cafeína, pensando numa ciência não para o sujeito universal, ou seja, não apenas branca, nem apenas europeia e não somente masculina. (BASTOS, AMAURO & BENITE, 2017, p. 328)

Com a responsabilidade de dar continuidade ao trabalho na editoria da revista de nossa associação temos o início de um novo ciclo de edições especiais e dossiês, derivados de resposta de nossas associadas, associados, associades.

A edição especial do “Dossiê Temático Psicologia e Relações Raciais: Questões Epistêmicas e Embates Sociais” dar-se num momento importante de amadurecimento da pauta da racial em diferentes esferas e espaços da sociedade. Debates que pontuam os impactos do racismo estrutural que atravessam as relações interpessoais por serem racializados em escala global e ecoam na dimensão local.

A temática das hierarquias raciais na psicologia brasileira são novidade tanto na ABPN quanto na psicologia brasileira. Como expresso na apresentação do dossiê a seguir, tem expressão desde a década de 1950 com o trabalho de Virginia Bicudo, no entanto com expressões muito limitadas, não passando de representantes individuais e isolados ao longo das décadas.

De forma geral a psicologia brasileira se desenvolveu ancorada na normatividade branca, numa hegemonia quase absoluta e numa enorme resistência em olhar para as



variáveis raça e racismo como relevantes para compreender fenômenos psicológicos e psicossociais. No campo da clínica, por exemplo, Neusa Souza Santos (1983) e Jurandir Freire Costa (1984) por ela influenciado, escreveram sobre as agruras do racismo nos anos 1980, mas as repercussões de suas reflexões foram mínimas. Somente nos 15 últimos anos observo o debate sobre o sofrimento psíquico derivado das diferentes formas de hierarquia racial e do racismo tomando forma e espaço na produção acadêmica e sendo problematizado de forma mais contundente.

Os frutos da hegemonia branca ainda são encontrados na maioria dos programas de pós-graduação, na docência e nos currículos dos cursos de psicologia, nas publicações. Por outro lado ocorre uma saudável ampliação de pesquisas, de pesquisadoras e pesquisadores, voltados para as análises de diferentes aspectos relacionados com o racismo e a hegemonia étnico-racial.

O número especial que apresentamos ao público tem uma relação direta com estes processos, de ampliação do debate pela e na psicologia brasileira. A proposta apresentada para o edital da Revista da ABPN pelas professoras Regina Suama Ngola Marques e Luíza Rodrigues Oliveira, que por sua grande consistência e urgência é a primeira que publicamos, é expressão destes movimentos na psicologia brasileira.

Tanto a ABPN fomenta de forma permanente a ampliação do debate sobre a condição negra no Brasil para todas as áreas de conhecimento, quanto a Revista da ABPN busca incidir sobre as diversas áreas fomentando as publicações.

No caso específico do número especial tivemos grande amplitude de artigos submetidos e aprovados. Esta alta procura relaciona-se com o processo de ampliação da participação negra nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Com as políticas afirmativas em vigor o acesso de pessoas negras, indígenas e com deficiência foi ampliado e as demandas sociais se ampliaram. As contribuições intelectuais negras passaram a uma maior expressão e as críticas ao racismo ganharam um fôlego inédito na psicologia brasileira.

Os artigos tratam de uma amplitude de temas, com um grupo de escritos que discutem criticamente a racialização e o racismo na clínica e nas relações interpessoais. A discussão decolonial perpassa diversos dos artigos e um deles apresenta a proposta de uma “psicologia clínica afrocentrada”. O racismo em suas diferentes formas, tanto as explícitas quanto as veladas, é abordado também em pesquisas para além da clínica, inclusive com a proposta de uma “psicologia antirracista” e a proposta de produção de



práticas profissionais antirracistas. Outro artigo propõe uma “psicologia africana” e uma “clínica preta”, apontando estratégias e ferramentas metodológicas relativas à sua proposição.

Diferentes sujeitos negros e negras, suas identidades e suas percepções são foco de conjunto de escritos, que abordam a mulheres negras, jovens negras, crianças negras, masculinidades negras, negros gays.

As interseccionalidades também foram abordadas em diferentes artigos, que apresentam pesquisas sobre relações entre raça e gênero, diversidade sexual, pessoas com deficiência, pessoas surdas, classe social.

Um tema que também é abordado em diferentes aspectos é o corpo e corporeidade negra. Outro tema são as religiões de matriz africana, o racismo religioso e em determinado artigo as “tradições do candomblé”. Um outro artigo propõe uma metodologia inspirada nesta religião, uma “metodologia do espelho de oxum. A ancestralidade os valores tradicionais africanos e afro-diaspóricos.

Uma série de artigos discute a branquitude e seu papel na estruturação de hierarquias raciais em diferentes espaços sociais.

Temos também artigos sobre saúde da população negra e sobre a saúde mental e as pressões que o racismo exerce sobre o equilíbrio mental de pessoas negras.

Alguns artigos recuperam contribuições teóricas de intelectuais negras e negros brasileiras e estrangeiras/estrangeiros.

A perspectiva interdisciplinar, no diálogo com a filosofia, sociologia, educação, antropologia, geografia, arte, literatura.

Outros temas que são abordados são os saberes quilombolas, os efeitos psíquicos do racismo na distribuição espacial, o encarceramento da população negra, adoções interracialis. Boa leitura!!



## Referências

AMAURO, Nicea Q.; ROCHA; Neli G. Crespura: Beleza Negra sem Química. Curitiba: UFPR. 2021.

AMAURO, Nicea Q., DIAS, Luciana de O., & SILVA, Paulo V. B. da. (2018). APRESENTAÇÃO. Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 10(26), 01–03. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/633>

BASTOS, M. A., AMAURO, Nicea Q., & BENITE, Anna M. C. (2017). A QUÍMICA DO CAFÉ E A LEI 10.639/03: UMA ATIVIDADE PRÁTICA DE EXTRAÇÃO DA CAFEÍNA A PARTIR DE PRODUTOS NATURAIS. Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 9(22), 312–331. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/410>

COSTA, Jurandir Freire. Violência e Psicanálise. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132-142.

SANTANA FILHO, Diosmar M. de; MANUEL, Sandra; AMAURO, Nicea Q.; PEREIRA, Gabriela L., & WOODS, Courtney G. (2022). APRESENTAÇÃO DO CADERNO TEMÁTICO: "RACISMO AMBIENTAL E RE-EXISTÊNCIA DE TERRITÓRIOS NEGROS EM TODO O MUNDO". Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 14(Ed. Especi), 4–8. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1408>

SANTOS, Neusa Souza. *Torna-se negro: as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.